

Considerações Finais

O propósito desta tese foi o de refletir sobre a ficcionalidade como um elemento constitutivo e consecutivo da práxis humana e não apenas como uma questão adstrita à literatura, o que significa, portanto, um questionamento sobre a textura ficcional da realidade e da verdade, utilizando como estratégia e recurso a categoria do estético e os procedimentos de estetização superficial e profundo.

Pretendeu-se sustentar que o entrincheiramento semântico que demarca as ficções (literárias) como um discurso rival *da* realidade e *da* verdade, como delírio ou falseamento representa a redução de suas complexidades, sobretudo no marco das tecnologias digitais e na profusão das ficções sociais coletivas, vividas inconscientemente pelos indivíduos, nas sociedades midiáticas.

Buscou-se também articular a dimensão de construtividade e de modelação criadora que a ciência, sede da estetização epistemológica, guarda em comum com uma certa instância das ficções literárias, uma vez que a verdade e o conhecimento como categorias estéticas engendram mundos possíveis, descrevendo não *a* realidade, mas fabulando realidades possíveis.

Se de um lado, as ficções literárias facultam aos sujeitos a experiência estética da diferença; se elas encenam o devir como destino do homem, que modela o mundo ao modelar-se na vivência da alteridade; de outro lado, o conhecimento científico, reconhecendo sua própria estrutura ficcional, conforme observou Wolfgang Iser, também opera com a consciência de sua impossibilidade de revelar e de ser o guardião de uma única verdade, o que o faz encontrar-se com o saber que os discursos ficcionais literários elaboram, ou seja, o de que a verdade e a realidade resultam de um movimento de modelação estética do mundo, não sendo, pois, grandezas ontológicas.

Disso resultou a afirmação do caráter de ficção presente em nossas categorias de análise e nos próprios fenômenos que supomos estarem no mundo à espera de uma descoberta.

A condição ficcional de todas as nossas práticas informa, portanto, que aquilo que nomeamos por realidade e verdade designa tão somente nossas versões do mundo que dão enquadramento às vivências e às interações individuais e coletivas, organizadas em modelos de realidade sistematizados pela cultura. Por

sua vez, a admissão de diferentes realidades fortalece os argumentos em direção ao desenvolvimento de uma cultura estética sensível às diferenças, cujas dimensões sociais e políticas estão localizadas na luta contra todas as estratégias que silenciam ou negligenciam as distintas formas de sentir, conceber e experimentar o mundo.

Pretendeu-se a aproximação das ficções literárias do fazer estético da ciência, porque ambas constituem sistemas sociais de produção do conhecimento sob as leis da ficção, ao produzirem uma ação modeladora do mundo. As ficções (literárias), portanto, inscrevem-se também no cenário dos debates epistemológicos da atualidade, ao tracejarem novos mapas culturais em que os conteúdos semânticos das sociedades vêm sendo revolidos e renovados, reivindicando a constituição de uma outra racionalidade para pensar as redes multireais em que vivemos.

Por esse ângulo, também uma questão de fundo fala a todos os demais campos disciplinares, isto é, a necessidade humana do emprego do fingimento, que se expressa privilegiadamente sob a forma de textos ficcionais, mas que também se manifesta na mobilidade estética da geometria fractal, na musicalização do universo pela teoria das cordas ou nas viagens não convencionais no tempo.

Transbordando e dissolvendo fronteiras, atravessando a "maquinaria da vivência" e os viéses das sociedades midiático-digitais, as ficções (literárias) deságuam sua presença e potência na afirmação do mundo e da vida como possibilidade e modelagem abertas, passagem para a criação de outras ficções nossas de cada dia.